

# O que é gramática gerativa?

*Lorenzo Vitral*

*(UFMG)*

A teoria lingüística chamada Gramática Gerativa tem sido desenvolvida por Noam Chomsky e muitos outros pesquisadores desde 1957. Trata-se de uma teoria que se ocupa das línguas e da linguagem.

Há, entretanto, várias maneiras de se estudar as línguas e a linguagem. O que existe, na verdade, são homens que falam, numa sociedade que se organiza através da linguagem. Vamos chamar isto de mundo das aparências, das coisas que existem concretamente. Para tornar inteligível este mundo das aparências, o espírito humano constrói modelos abstratos, teorias, que levam em conta normalmente apenas partes desse mundo. Quero dizer que cada modelo abstrato, cada teoria, escolhe um aspecto da linguagem para estudar e que não existe um modelo bem sucedido que contemple todo o fenômeno da linguagem. Esta observação é válida em outras áreas do conhecimento, como na física, por exemplo.

O que se faz, então, é privilegiar um aspecto da linguagem, o dos sons, por exemplo, o significado destes sons, as modificações da língua, geograficamente ou historicamente. Pode-se também estudar a conversação, o texto, etc.

Ao tomar um desses aspectos da linguagem como tema de pesquisa já se faz um primeiro trabalho de abstração. Ora, a linguagem tem lugar de maneira global, inteira. E é no interior do fragmento da linguagem escolhido que o pesquisador vai elaborar seu **objeto de estudo**.

A Gramática Gerativa vai se ocupar, privilegiadamente, da sintaxe das línguas, mas não é a sintaxe das línguas seu objeto de estudo. A sintaxe das línguas é apenas um meio para se descrever uma entidade teórica chamada de Gramática Universal. Este é o objeto de estudo da Gramática Gerativa.

A Gramática Universal pode ser definida, inicialmente, como os aspectos sintáticos que são comuns a todas as línguas do mundo.

Supõe-se então que, apesar da variação que existe entre as línguas, isto é, apesar das línguas serem diferentes (por exemplo, o fato de o objeto direto

aparecer antes do verbo em japonês e depois do verbo em português) existiria uma gramática subjacente a todas elas. Esta gramática seria composta de 1) mecanismos que permitiriam colocar em relação termos da língua, formando níveis de representação associados com a interpretação do significado dos sons e 2) um conjunto de princípios que restringiriam as possibilidades de combinação desses. Esta gramática conteria também certos parâmetros que determinariam as dimensões de variação das gramáticas das línguas. Esta gramática só permitiria também a ocorrência de frases bem-formadas de uma língua.

A dicotomia frase bem-formada/mal-formada não se confunde com a oposição frase correta/incorrecta da gramática tradicional: a frase incorreta pode ser uma frase bem-formada. Embora a gramática só permita a ocorrência de frases bem-formadas, o lingüista lida também com frases mal-formadas. O lingüista trabalha, na verdade, no limite entre as frases bem-formadas e as mal-formadas. É, neste limite, para usar uma metáfora, entre o mundo da gramaticalidade e o mundo da agramaticalidade, que se podem identificar os princípios da Gramática Universal. Nesse sentido, vale a brincadeira segundo a qual o gerativista não gosta da língua. A análise da língua, que é extensa, é só um pretexto para se estabelecer a Gramática Universal.

Essas idéias redefiniram a natureza da linguagem e da teoria lingüística. Diferentemente do estruturalismo que edifica sua teoria a partir de uma pergunta sobre a gênese da significação, a gramática gerativa propõe que o que é essencial à linguagem é a sua recursividade, isto é, o fato de com elementos finitos ser possível gerar frases infinitamente. Frases em número infinito, mas não todo tipo de frase. A questão que se coloca é saber o que faz com que uma frase seja uma frase de uma língua. Conclui-se, assim, que existem princípios que filtram as frases mal-formadas.

Como a idéia da existência da Gramática Universal pôde ser considerada plausível? Ora, é uma idéia estranha: no mundo das aparências as línguas variam; existe até o mito bíblico da torre de Babel.

Para justificar a hipótese da Gramática Universal, há uma crença e dois tipos de evidências que podem ser chamadas de empíricas.

A crença, que é a mesma que permitiu o aparecimento da física clássica no século XVII, é a de que existe uma ordem oculta no universo, ou seja,

subjacente ao caos do mundo das aparências, existe um mundo perfeito composto de leis que o cientista deve descobrir ou estabelecer.

A hipótese da Gramática Universal pode ser vista como uma transposição dessa crença para o domínio da linguagem. Assim como existem as leis que predeterminam o universo, há os princípios que pré-estabelecem as possibilidades de variação entre as línguas. O gerativista, que é um iluminista (mas não iluminado), espera: o que não damos conta hoje, podemos dar conta amanhã.

O primeiro tipo de evidência que sustenta a hipótese da gramática universal é o trabalho empírico de análise de línguas. O que se faz é um trabalho de sintaxe comparativa no qual se procura estabelecer regularidades entre as línguas e, a partir dessas regularidades, princípios que as expliquem. Se encontrarmos, por exemplo, comportamento sintático espetacularmente similar entre o português do Brasil e o chinês, como em VITRAL (1992), não há a possibilidade de se explicar isto através de contato entre as línguas, empréstimo, etc. Parece necessário supor que há algo em comum, num nível abstrato, entre essas línguas.

O outro tipo de evidência que sustenta a hipótese da gramática universal diz respeito à aquisição da linguagem pela criança. As características da aquisição da linguagem desfavorecem a idéia de que a aquisição da linguagem se dá pela transmissão de estruturas lingüísticas externas (que o adulto domina) para a criança que as intrometa. As coisas não se passam assim. Há evidências que mostram que o ambiente lingüístico da criança apenas ativa estruturas que já são de posse da mesma. Além disso, a aquisição da linguagem é homogênea, isto é, independe de classe social, grau de estimulação e tem lugar entre 1 e 4 anos; a aquisição também é completa, ou seja, a criança aprende todo o sistema lingüístico. Não há casos de aprendizagem parcial: seria uma hipótese absurda a criança aprender as frases interrogativas, mas não saber estruturar nem interpretar as frases relativas porque a mãe trabalha fora e não tem tempo de ensinar.

Supondo então que a hipótese da gramática universal seja plausível, como explicar por outro lado, o fato de ela ser universal? Ou seja, por que ela é comum a todas as línguas?

Chomsky propõe que a gramática universal deve ter uma base biológica, isto é, o que se chama de Gramática Universal é uma teoria sobre

mecanismos inatos, uma matriz biológica que fornece uma estrutura dentro da qual se dá o desenvolvimento da linguagem. A gramática universal é, pois, transmitida geneticamente. Esta hipótese de que bases do pensamento ou da linguagem possam ter correspondentes biológicos ou anatômicos encontrou muita resistência esses anos todos. Estamos prontos para aceitar isto com relação a características cognitivas. O fato é que Chomsky acredita que devemos pressupor uma matriz biológica, com características que possam ser especificadas e que determinem o resultado de qualquer processo ao qual o organismo seja submetido, embora estejamos muito longe de conseguir estabelecer correspondências entre entidades biológicas e entidades lingüísticas.

### **Referência Bibliográfica**

VITRAL, L. *Structure de la proposition et syntaxe du mouvement en portuguais brésilien*. Tese de doutorado, Universidade de Paris VIII, 1992.